

## EDITORIAL

### FRAGMENTUM 20 ANOS!!!

Amanda Eloina Scherer  
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil  
Editora-chefe da Fragmentum

*O segredo de toda arte consiste em observar em tudo, com cuidado, o que há de mais absoluto. De fato, há coisas que, por certo, de um ponto de vista são mais absolutas do que outras, mas que, consideradas de outro modo, são mais relativas. (DESCARTES, 2007, p. 33)*

Nunca é tarde para festejar. Festejar faz parte da vida. Festejar faz parte do homem. Do sujeito, pelo recordar. Festejar faz parte de nossas relações sociais e linguageiras. Festejando comemoramos, jubilamos, alegramo-nos. Por outro lado, não existe festejo sem união, sem adesão, sem um congraçar, sem o celebrar. Festejar, no que lhe toca, faz parte também daquele sopro de luz que, em momentos difíceis, nos ajudam a lembrar o que de bom ficou e o que ainda de melhor poderá ad+vir. Festejar não quer dizer o futuro como obrigação, como uma miríade de progresso sempre em andamento. Festejar quer dizer experienciar o tempo mais ativamente, onde os acontecimentos não acontecem apenas *no* tempo, mas antes *pelo* tempo (HARTOG, 2003) e a história não seria apenas um relato qualquer somando os dados e os fatos, muito menos como um modelo a seguir, mas como aquele afeto que nos instiga e nos potencializa a todo o momento.

Da mesma forma, festejar ensaja muito, igualmente, do quanto estamos vivos e lutamos pela nossa sobrevivência (pessoal) institucional. Em nosso caso, além do mais, festejar, escrevendo, significa criar condições para res+significar um projeto conjunto lá no final dos anos de 1999. Escrever para lembrar, escrever para festejar, res+significando o referido projeto pelo tempo presente. Escrever festejando, sobretudo, a reconfiguração do que somos e prospectando sobre o que poderemos nos tornar em possíveis e outras direções. Festejar escrevendo, de outra parte, res+significa nossa história não

só enquanto um projeto embrionário, quase utilitarista de início, mas para nos darmos conta do quanto trilhamos caminhos marcadamente inter+institucionais, de além muros e fronteiras, fugindo das amarras ditatoriais de uma certa língua, dita da ciência, tentando ter voz em uma cultura massificante, como se pudéssemos produzir conhecimento em uma única unidade possível.

Embrenharmo-nos, é certo, em mares nunca dantes navegados, no entanto, através deles, conseguimos nos fazer libertar das imposições egocêntricas, lineares e de modelo positivista de ciência. Da avaliação entre pares massificada e longe da alteridade, assumimo-nos enquanto potência discursiva de inovação, inclusive, impactando e enfrentando obstáculos de toda a ordem. Como sabemos, os obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 1996) fazem parte do mundo da ciência, da produção do conhecimento, muito embora os obstáculos políticos, esses, eles engendram as políticas ditas públicas e nos dificultam caminhos. Porque para nós, produzir conhecimento é dar a ver o humano que somos na incompletude, como sinalização de um efêmero, onde não bastam apenas as respostas elucidadas, pois, a todo instante, “as crises do pensamento implicam uma reorganização total do sistema do saber” (BACHELARD, 1996, p. 20). De todo jeito, sempre haverá uma vontade de saber mais e mais na vida do sujeito curioso e à procura de, uma vez que toda revolução científica acontece constantemente na movência norteada por aquela vontade do apetecer, do ambicionar, do querer sempre mais, à procura de uma finitude inexistente.

Outro ponto importante para nós, festejar também tem muito do cantar, do rir e do contar. Cantar um hoje cheio de promessas, de compromissos, de indagações. De mais a mais, festejar tem muito do rir, rir de um tempo passado carregado de contratempos que nos ajudaram a amadurecer o presente, mas ainda e sempre incerto. Além do que, festejar tem muito de um contar, contar o que sucedeu, não somente na linha do tempo da flecha passado em direção ao presente, perseguindo um futuro. Contar tentando compreender o que fomos e o quanto foi trabalhoso chegarmos onde estamos e o quanto ainda temos pela frente. Como temos repetido inúmeras vezes, produzir conhecimento não existe por si e per si. E o contar? Ah! Esse tem muito do pessoal e do subjetivo. Contar tem muito, sobretudo, de um coletivo atado pelos laços de pertencimento e igualmente do não pertencer. Contar, além do mais, tem muito das coisas a saber... muito do lembrar, do repetir e do (re)elaborar, construção talvez de um processo de constituição de uma narrativa historicizada do sujeito, uma espécie de captura, quiçá, uma forma de experienciar a própria forma sujeito histórica. Por isso festejar é preciso... mais e mais!

Entretanto, projetar um contar liberando-se das amarras da flecha

marcadamente linear do tempo (como se ele pudesse ser linear) implica uma historicização. Historicizar, por sua vez, sobre qualquer que seja o objeto, é sempre ímpar e singular pois provoca uma posição que tenta a toda a prova dar conta das diversas tramas que estão nele (objeto) envolvidas. Tramas de uma história costurada por uma certa memória posta na discursividade da história do tempo presente. Aliás, a história do tempo presente é sempre muito ardilosa, pois ela nos coloca armadilhas que estão, via de regra, na ordem da evidência. Enquanto estivermos no jogo das evidências, no jogo unitário, utilitário e pragmático das coisas a saber, a historicização não tem como se constituir, pois o real nunca é o que poderia se encontrar, mas aquilo que poderia vir a ser e não o é.

Por outro lado, produzir uma historicização, como é caso sobre *Fragmentum*, é arvorar-se a adentrar em um ninho por demais complexo devido à trama do tempo, sim, mas, igualmente, devido a sua trama espessa, bem articulada, com fios e mais fios traçados por diversos personagens, sujeitos da própria história, suas e da revista. Fios em regimes de historicidade, como no dizer de François Hartog (2003), pois segundo o estudioso, o tempo não poderia ser considerado mais como aquele do instrumental de épocas e períodos, ou ainda como aquele do tempo dito linear, vazio de significação, naquela flecha em direção a um possível progresso, em um futuro que tudo dominaria e determinaria. Para o autor, os regimes de historicidade seriam entendidos como “uma expressão da experiência temporal, regimes que não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas” (HARTOG, 1996, p. 03). Ou ainda, a nosso ver, seria como olhar o passado que foi também, uma vez, um futuro possível; portanto, não mais na ideia de progresso, contudo, de um vivenciar o próprio tempo, aquele do sujeito do devir.

Outro aporte importante para os nossos argumentos sobre o historicizar vem de Jacques Rancière (2021), quando o autor distingue uma obra de ficção do vivenciar o próprio tempo da experiência trivial do dia a dia. Segundo o autor, não é uma falta de realidade, mas um acréscimo de racionalidade que vai diferenciá-los entre si. Ao tempo sucessivo do cotidiano, em que uma coisa simplesmente acontece após outra (ele não passou pela experiência de viver um pouco na UFSM - Silveira Martins), a ficção acaba ordenando as ações, amarrando as causas e as consequências, nos proporcionando um efeito de encadeamento de tal modo que os acontecimentos parecem encarcerar-se uns aos outros fazendo com que o não sabido se transforme em saber.

É assim que nos sentimos um pouco na escrita presente, tentando reunir dados e fatos que poderiam compor esse *effet de récit* (GUILHAUMOU, 2002). Pragmaticamente, as questões vêm à superfície em um possível contar sobre a

*Fragmentum*. Mas o que contar, ou ainda, por onde começar? Qual seria uma possível sequência de estruturas que organizaria esse *effet de récit*? O que fica do que restou de um primeiro projeto que envolvia dois campos de conhecimento tão afastados um do outro no dia a dia do fazer acadêmico e científico como a Linguística e a Literatura? Dois campos de conhecimento que mesmo fazendo parte do Curso de Letras, vivem em departamentos separados, em desarmonias constantes, inclusive em instâncias de avaliação, pelos órgãos de fomento, tão apartados um do outro.

Por isso, produzir uma historicização sobre a *Fragmentum*, como colocávamos anteriormente, é arvorar-se a adentrar em um ninho por demais complexo cuja trama é tecida também pelo tempo, trama espessa e bem articulada com fios e mais fios trançados por galhos, ciscos diversos, vegetações. Em um primeiro momento, por vegetação nas mais belas colinas do território brasileiro, no dizer do nosso geógrafo estimado, Aziz Ab Saber (2021), referindo-se à nossa região, para depois colocar-se em um mosaico de domínios paisagísticos e ecológicos do mundo como um todo. Os fios, os galhos e ciscos retrançados por outros tantos sujeitos de diversas instituições regionais, nacionais e internacionais, sujeitos igualmente da própria história, suas e da revista.

Se pudéssemos determinar um começo, nessa engrenagem de uma estrutura narrativa, poderia ser com a colega Mirian Rose Brum de Paula (hoje na UFPEL) almejando dar vazão a muitos de nossos textos – engavetados – por razões diversas. O que ela reivindicava à época era que pudéssemos ter um suporte de divulgação daqueles rascunhos, quase sempre na forma manuscrita, em uma primeira versão apresentada nas mais variadas instâncias (participação em colóquios, comunicação em congressos, conferências). Aliás, o nome da coleção viria contemplar sua vontade, aquilo que estaria na ordem de fragmentos, de textos inconclusos, *fragmentum* de um saber por vir, muito inspirada à moda do que se fazia, naquele momento, no Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB)<sup>1</sup>, do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP, com a série Escritos<sup>2</sup>. A *Fragmentum* foi projetada e criada por ela. Como até o presente momento, a política editorial de então ali permanece:

*Como o título do periódico indica, Fragmentum objetiva publicar textos críticos, reflexões teóricas, entrevistas pertinentes, formulações nascidas de uma pluralidade de autores, de fragmentos de ideias, debates, hipóteses e resultados de pesquisa, em um esforço conjunto de divulgação e de produção científica e acadêmica.*

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/site/web/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/publicacoes/lerArtigo.lab?id=31>. Acesso em: 12 mai. 2021.

No início, tivemos textos avulsos resultantes de nossos seminários internos de discussão sobre aquilo que estávamos projetando e criando, o Laboratório Corpus<sup>3</sup>, a partir de seminários de pesquisa, o hoje conhecido como *Seminário Corpus*. Os eixos temáticos envolviam os conceitos de memória, história e identidade, em decorrência também dos dois grupos de pesquisa registrados no CNPq, os primeiros, aliás, dos nossos dois campos de conhecimento na UFSM. Como se dizia à época, eram textos potenciais no seu sentido fundador, ou seja, intermediários entre uma primeira versão (que serve para promover a discussão) e um texto mais elaborado. E o Laboratório Corpus tomando corpo e estruturando-se a partir de recursos oriundos do projeto conjunto de pesquisa da UFSM com a UNICAMP, enviado à CAPES, via o Edital PROCAD-CAPES, em 2000, cujo o tema gerador era *História das Ideias Linguísticas e Literárias no sul* e que resultou, inclusive, na criação do doutorado em Letras da UFSM. Por isso também o lugar das entrevistas nos primeiros números. Foram vários pesquisadores entrevistados (infelizmente, nem todas as entrevistas publicadas) a partir de um levantamento exaustivo, tendo por base os primeiros programas de ensino quando da fundação dos cursos de Letras, no sul do país.

O projeto de pesquisa envolvia, como assinalamos anteriormente, a Linguística e a Literatura, e os professores e pesquisadores que participavam do Laboratório Corpus à época estudavam: a) as questões enunciativas de linguagem, tanto em Linguística quanto em Literatura, a fim de aprofundar os estudos acerca das modificações históricas que implicavam as relações entre Letras e Linguística a partir dos anos 1950 na região sul do Brasil e b) o contexto naquela atualidade concernente à formação em Letras no sul do país. Para isso, as nossas referências enquanto objeto de estudos eram: 1) os programas de graduação e pós-graduação em Letras; 2) as primeiras revistas acadêmicas especializadas; 3) os manuais de ensino de língua e literatura; 4) as gramáticas e os dicionários elaborados, principalmente, em nosso Estado.

As relações de trabalho foram se fortalecendo, os seminários – *Seminário Corpus* – foram se destacando pelo seu lugar na história do Laboratório, criando laços institucionais e de pesquisa e a *Fragmentum* acabou deixando o seu caráter de coleção para se constituir com mais um periódico a área de Letras no Brasil. No entanto, o valor e o seu impacto acontecerão pela inovação do tema e pelo tratamento dado a ele e, mais ainda, por congregar produções nacionais e estrangeiras sobre a História das Ideias Linguísticas e Literárias, não só do Brasil, inclusive atravessando a América Latina e indo além mar.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://www.ufsm.br/laboratorios/corpus/>. Acesso em: 12 mai. 2021.

As reuniões institucionais e temáticas após os seminários acabaram criando uma cultura de pesquisa que proporcionaram avanços nas questões que estavam em foco naquela época. Essas instituições, através de seus professores, promoveram formação de novos grupos. Cada grupo de pesquisadores elegia, por exemplo, questões específicas condizentes com os núcleos acima referidos. A cada questão era dado um tratamento próprio, segundo a posição que os pesquisadores adotavam em relação ao seu objeto e a sua problemática teórica, guardando sempre a problemática da História das Ideias. Trabalhos afins eram desenvolvidos em outras instituições latino-americanas e europeias (UNICAMP, USP, Universidad de Tucumán, Université de Paris X, Université de Rennes 2, Universidad Autónoma de Madri,) que mantinham atividades de cooperação universitária com o nosso Laboratório e que, por sua vez, foram se integrando ao Comitê Científico da *Fragmentum*. E naquele momento, igualmente, o Mestrado em Letras da UFSM estava começando a deixar sua interiorização para tomar uma forma mais de regionalização, inclusive, tornando-se, com a criação do doutorado, um programa nacional com perspectivas futuras de internacionalização.

Eis aí, diríamos, um dos regimes de historicidade, no dizer de François Hartog (2003), um dos nossos historiadores preferidos e que conhecemos graças à Régine Robin. Pois para nós, o tempo não é mais um instrumento de medida, mas sim, algo mais potente organizando nossa história. Como o autor afirma, “trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e do vivenciar nosso próprio tempo” (HARTOG, s.d. p.02).

Aos poucos a *Fragmentum* foi se firmando como um periódico nacional e, no estrangeiro, sua circulação foi acontecendo via nossas relações extramuros, para além de oceanos conhecidos. Nossa política de línguas, bem entendido, línguas ocidentais, foi-se consolidando entre o português, o francês, o espanhol e o inglês. A tradução de textos clássicos ainda desconhecidos, no contexto nacional, foi se fortalecendo e nenhum autor foi obrigado a escrever em outra língua que não a de sua livre escolha. Os obstáculos da internacionalização desmedida foram sendo sentidos nas avaliações por pares. Mesmo assim, resistimos e conseguimos nos manter, pois tínhamos, através de sistemas de buscas de notações, que nossos artigos estavam sendo lidos e baixados em regiões inimagináveis na esfera terrestre. E muito graças ao nosso convívio estreito e de muita proximidade teórica entre laboratórios, uma nova cultura que conseguimos dar conta também graças às publicações e aos temas tratados pela *Fragmentum*. Os projetos e os seminários de pesquisa consolidavam-se formando, dessa maneira, uma rede associada de laboratórios constituída pelo Laboratório Corpus, do

Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, juntamente com o E-L@DIS – Laboratório Discursivo: Sujeito, Rede Eletrônica e Sentidos em Movimento<sup>4</sup>, da Universidade de São Paulo, *campus* de Ribeirão Preto e o LAS – Laboratório Arquivos do Sujeito<sup>5</sup>, da Universidade Federal Fluminense, *campus* de Gragoatá. Os seminários de pesquisa em nível nacional envolviam alunos em um ir e vir entre as três cidades: Santa Maria (RS), Ribeirão Preto (SP) e Niterói (RJ), sem uma ordem previamente determinada. A partir daí a internacionalização não só está constituindo a *Fragmentum*, como também nossos seminários e, através de projetos conjuntos, eles acabaram atravessando o Atlântico igualmente entre um ir e vir colocando Paris (a Université de Paris III e a École Normale Supérieure) entre as três instituições brasileiras já citadas.

E a *Fragmentum* foi se tornando adulta, madura e potente, abraçando outras causas, como é, aqui, o caso do número 58, libertando-se do projeto inicial e fomentando-se como um periódico importante, em diversos domínios do conhecimento sobre a língua e a linguagem, mas sempre referendada como aquela que estuda, produz e faz circular conhecimento sobre a História das Ideias Linguísticas. Eis aí um outro regime de historicidade, diríamos, quando a política de internacionalização não se faz em uma política a cabresto de uma “língua geral” (metaforicamente falando), de uma língua dita da ciência. Não foi preciso passar os artigos para o inglês, o que conseguimos foi receber artigos de toda a parte do mundo pelos temas tratados, pela política de circulação, por uma política editorial convincente, forte e contundente.

Já hoje o que nos move são as relações que estabelecemos entre a política e a estética e que nos constituem em uma exceção às outras práticas em nossa área. Pela política, por que somos políticos como sujeitos pensantes, sujeitos *do* mundo e *no* mundo. Pela estética, porque cada vez mais nossa busca é pelo belo, pelo poético em nosso dia a dia enquanto pesquisador. Poético no sentido de rupturas no sentir, no ver e no dizer. É a palavra que nos move e nos assenta. Viver academicamente, para nós, é viver à procura de uma estética no sentido de fazer de nossas vidas uma luta constante, uma luta pela palavra. Uma luta constante pela emancipação do sujeito como uma maneira de ocupar um lugar e um tempo como corpo, como sujeito corpo, sujeito de sua história com a sua história pela palavra. Emancipar no sentido de poder subverter a distribuição dos lugares, já postos, (novamente como é o caso, agora, do número 58) para

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.ffclrp.usp.br/departamentos/dedic/lab/lab-eladis.php>. Acesso em: 12 mai. 2021.

<sup>5</sup>Disponível em: <http://las.sites.uff.br/#:~:text=O%20Laborat%C3%B3rio%20Arquivos%20do%20Sujeito,doutorandos%2C%20mestrandos%20e%20graduandos%20em>. Acesso em: 12 mai. 2021.

que possamos por fim ao que está posto, proporcionar o “embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre os indivíduos e membros de um corpo coletivo” (RANCIÈRE, 2012, p. 23), pois como o autor ainda nos ensina: “uma comunidade emancipada é uma comunidade de narradores e tradutores” (RANCIÈRE, 2012, p. 25), ou seja, a palavra na sua essência primeira, a palavra como forma de existência no tempo. A palavra que festeja, a palavra que nos faz rir, cantar e contar. A palavra em festa sempre. Tomar a palavra, levar a palavra, trazer a palavra, enxertar a palavra, ressignificar a palavra, traduzir a palavra, a palavra que narra e que rememora.

Gostaríamos de agradecer a muitas pessoas, se nomeássemos aqui cada uma que vem à superfície da lembrança atualizada no momento, talvez não conseguíssemos lembrar de todas. Por isso, agradecemos a todas e todos que fizeram com que conseguíssemos chegar sãos e salvos até o dia de hoje e que, pelo menos, por mais uns 20 anos possamos continuar produzindo ciência e divulgando a produção de colegas. E que a festa continue em um eterno e permanente lugar da palavra...

*Amanda Scherer... Em um dezembro por demais quente no hemisfério sul ...*

*(P.S.: Gostaríamos de agradecer à Professora Maria Iraci Sousa Costa que nos últimos quatro anos tem se dedicado integralmente ao trabalho e às responsabilidades de uma Editora-Gerente)*

## Referências:

AB’SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Atelier Editorial, 2021.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Tradução de Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto Editora LTDA, 1996. e DESCARTES, René (1628-29). **Regras para a orientação do espírito**. 2ª ed. Tradução de M. E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUILHAUMOU, Jacques. Le corpus en analyse de discours : perspective historique. **Corpus**, n. 1, p. 1-18, 2002. Disponível em : <https://journals.openedition.org/corpus/8>. Acesso em : 12 mai. 2021.

HARTOG, François. **Régimes d’Historicité**. Paris: Éditions du Seuil, coll. La librairie du XXI Siècle, 2003.

HARTOG, François. **Regime de Historicidade**. S.l.: s.n., s.d. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Fran%C3%A7ois\\_Hartog\\_-\\_Regime\\_de\\_Historicidade\\_\(1\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Fran%C3%A7ois_Hartog_-_Regime_de_Historicidade_(1).pdf). Acesso em: 12 mai. 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

\_\_\_\_\_. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.